

📍 **Fotógrafo, professor e coordenador do fotoadrenalina.** Vitor Costa tem várias actividades, mas todas elas estão ligadas pela mesma paixão: a fotografia. Fica feliz quando consegue que as pessoas fiquem unidas nas suas viagens, e tem muitas histórias para contar. Conheça o profissional que já levou a Super Foto Digital a Marrocos, e que foi o primeiro a criar viagens para fotografar no país.



É fotógrafo, professor de fotografia no Instituto Português de Fotografia e coordenador do projecto Fotoadrenalina. Quais são as aulas que lecciona?

Lecciono Técnica Fotográfica onde ensino sobre as câmaras, as objectivas e a iluminação. A outra disciplina é Composição, que aborda a educação visual, o enquadramento, a composição e as principais áreas de fotografia

como retrato, naturezas mortas, paisagem natural, paisagem urbana, nu e vida quotidiana.

Qual destas actividades prefere? Porquê?

Sempre gostei muito de dar aulas, sobretudo para quem já lecciona há mais de 12 anos, é muito interessante ver por no mercado fotógrafos profissionais que passaram pelas minhas mãos no início da sua formação. Mas claro que o projecto Fotoadrenalina, é o meu projecto, até porque é algo que nasceu de mim e será sempre o “filho preferido”.

Como é que surgiu essa sua ligação tão forte à fotografia?

Acho que sempre foi uma opção profissional e já que temos que dedicar tantas horas ao trabalho, que seja algo que gostamos. Não acho que foi uma paixão à primeira vista, mas ao longo do tempo fui criando uma relação sólida sobretudo com a criação do Fotoadrenalina.

Como surgiu o projecto do Fotoadrenalina?

Surgiu da necessidade de arranjar uma ac- ▶





só pela expedição fotográfica em si, mas pelos momentos de puro divertimento. Alguns grupos vão mantendo actividade própria como saídas pelo país. Ficam as fotografias para recordar e o convívio para viver.

Tem alguma história caricata ou interessante para contar das suas muitas viagens?

Há muitas histórias para contar, sobretudo porque ao longo dos anos se viveram muitas aventuras em viagem, mas todas com final feliz. Desde uns participantes que na Noruega viraram o kayak e mergulharam com as câmaras num lago; no entanto, as câmaras sobreviveram. Um comboio na Índia onde íamos passar a noite a dormir, estar repleto de baratas... rendemo-nos ao sono depois de 5 horas a matá-las. Na passagem do ano no Deserto e precisamente no percurso de dromedário até à noite, não parou de chover. Dormir numa serração no meio da selva Amazónica, onde para além dos mosquitos e outros seres rastejantes a fazerem-nos companhia durante a noite, a comida para o dia seguinte foi invadida por formigas. Mas claro que as histórias interessantes passam também pelos fenómenos da natureza que temos fotografado. Fotografamos continentes, países, arquipélagos, ilhas, montanhas, fiordes, glaciares,



florestas, géiser, desfiladeiros, selvas, rochedos, praias, desertos, oceanos, mares, rios e fiordes.

E como não podia deixar de ser... voamos, em balão de ar quente, por paisagens deslumbrantes. Tudo isto são histórias que ficam na memória fotográfica.

Hoje em dia já algumas empresas deste tipo. Quais são os aspectos em que acha que o fotoadrenalina se distingue?

Fomos o primeiro projecto em Portugal a surgir com este tipo de actividade, viajar para fotografar, o que nos dá vários anos de experiência.

Somos os que temos mais variedade de lugares no mundo e em Portugal, para fotografar. Temos algo único que é a possibilidade de as pessoas poderem fotografar em terra, seja na montanha, selva ou no deserto, no mar em veleiro ou no ar, de balão de ar quente, que é extraordinário. Como todo o projecto é concebido de raiz por fotógrafos, permite ter uma estratégia que uma agência de viagem não consegue, que se limita a encaixar fotógrafos nos roteiros turísticos já existentes. Como sou fotógrafo há mais de 15 anos e estou a coordenar o projecto Fotoadrenalina, sei perfeitamente o que as pessoas querem fotografar, assim preparamos experiências fotográficas com fenómenos



► tividade que não dependesse de um patrão, visto que tinha sido “despedido” do meu último emprego (dava aulas de fotografia ao 12º ano). Tinha de criar algo que as pessoas necessitassem e juntar com algo que eu fizesse bem. Em 2002, não havia grandes actividades fotográficas para quem simplesmente gostava de fotografia. As pessoas facilmente deixavam de fotografar ou só fotografavam uma ou 2 vezes por ano. Assim, surgiu o 1º projecto fotográfico em Portugal que juntava o gosto da fotografia com a vontade de viajar. Daí passou-se a viajar para fotografar.

Ainda se recorda da primeira viagem que fez com a empresa? Como correu?

Claro, até porque ainda a fazemos. As ilhas Cíes são uma reserva natural que fica em Espanha, mais concretamente na região da Galiza. Fazemos esta expedição em veleiro para ter a adrenalina de estar no mar. Para além da beleza da reserva, as suas praias são lindas, sendo considerada uma das melhores praias do mundo, em 2007, por uma revista inglesa da especialidade.

Qual foi a viagem mais complicada que realizou até hoje? Porquê?

Talvez a da Amazônia, não por ser complicada, mas pelas condições existentes

na altura para a sua concretização. As pessoas tiveram de dormir em zonas sem condições, fomos literalmente atacados por mosquitos e a comida foi também de forma primitiva, sendo algumas vezes comida com as mãos. Fazia parte da aventura, mas hoje fazemos as coisas garantindo aventura, mas também condições... é assim que as pessoas querem e gostam.

Há alguma viagem que costuma ter um feedback melhor do que as outras, a nível fotográfico?

As viagens são todas fotográficas, visto serem preparadas com esse ingrediente. Agora os grupos podem ser mais ou menos fotográficos. Há grupos que aproveitam “tudo que mexe” e é até acabar a luz e outros que gostam mais da aventura e da viagem, fazendo apenas os registos nos locais mais bonitos ou nas situações mais interessantes.

Houve algum grupo em especial que o tenha ‘marcado’? Porquê?

Os grupos marcam-me mais quando não querem parar de fotografar, mas como também gosto da parte emotiva das expedições, marca-me bastante quando entre eles se cria também uma amizade. Claro que vamos para fotografar, mas gosto particularmente quando vejo que eles se estão a divertir e que vai ser marcante não





únicos da natureza, situações urbanas e quotidianas, dando versatilidade às experiências fotográficas.

Acha que a procura destas viagens está a aumentar ou a diminuir? Porquê?

Ao longo dos anos tem aumentado, porque as pessoas não querem só viajar para roteiros turísticos. Hoje muitas pessoas preferem viajar e associar outras actividades, como por exemplo a fotografia. Com a entrada da fotografia digital muitas pessoas interessaram-se por fotografia ou voltaram a fotografar. Aprender, viajando é um grande motivador. Sai-se destas expedições fotográficas com grandes fotos, com mais experiência e com partilha de conhecimentos.

Quem são as pessoas que procuram estas viagens? Como as descreveria?

Eu creio que todos, desde que tenham uma câmara fotográfica. Por incrível que pareça é dos 7 aos 77 anos, do Algarve a Trás-os-Montes e até da Madeira e dos Açores. Participam casados, famílias, namorados, em grupo e a maior parte vem sozinho. Mas todos estão unidos pelo mesmo denominador, a fotografia.

Quais são os equipamentos que utiliza? Tem alguma marca de preferência? Não estou fidelizado a nenhuma marca,



trabalho profissionalmente com a Nikon, mas tenho também uma câmara Canon e uma Leica. Todas as marcas trabalham para ser as melhores, sobretudo quando estamos a falar do patamar profissional. Depois tenho várias objectivas para as várias áreas que trabalho, desde paisagem, retrato ou produto.

O Fotoadrenalina não disponibiliza equipamentos para os viajantes. Acha que isso poderia ser uma mais-valia, ou nem sequer põe isso em questão?

Já equacionamos isso e até já tivemos reuniões nesse sentido, mas as marcas ou melhor quem os representa, ainda não perceberam que as estratégias de marketing têm de mudar. Não basta só apresentar estatísticas e fazer publicidade nas revistas, é preciso estar onde as pessoas estão e mostrar-lhe onde uma câmara é boa, seja na areia de um deserto, a levar com a água do mar, no frio de um glaciar, na chuva tropical, a fotografar com temperaturas de 45° C, com neve na alta montanha, nas florestas com 98% de humidade ou nas savanas mais secas. É bom ver publicidade de uma marca, mas as pessoas querem ver no local como essa marca funciona. Por isso, o Fotoadrenalina é a plataforma ideal para as marcas "testarem" o seu material com quem anda à procura da melhor câmara fotográfica. ■